



Paulinho Felicitissimo/Divulgação

#cm
2
QUINTA-FEIRA

NASCIDO E CRIADO EM VILA ISABEL, MUATO É RECONHECIDO POR SUA CRIATIVIDADE E SOFISTICAÇÃO COMO COMPOSITOR

O multiartista

da
Vila

Cria de Vila Isabel, **Muato faz da música dramaturgia e coleciona prêmios.** Responsável pela **produção musical de importantes montagens teatrais,** o compositor leva sua arte no fim deste mês para um **festival em Luanda, Angola.** Páginas 2 e 3

‘O exercício do artista é o de **uma atenção máxima à criação, ao detalhe**’

Apelidado pelos colegas de ‘Quincy Jones do teatro brasileiro’, Muato coleciona prêmios e reconhecimento da crítica e do público com trilhas que vão além de mero adereço das cenas

AFFONSO NUNES

Cria de Vila Isabel, bairro que em balou gerações de ícones da música brasileira como Noel Rosa, Martinho da Vila e Carlos Dafé, André Muato é hoje um dos nomes mais relevantes da cena teatral brasileira ao transformar a música em ferramenta de criação dramaturgica. Formado em música de concerto, o compositor e diretor musical rompeu os limites da formação clássica para mergulhar de cabeça no teatro, onde descobriu o habitat ideal para entrelaçar seus múltiplos talentos: composição, arranjo, percussão corporal, atuação e direção.

A trajetória de Muato é marcada por uma filosofia criativa vira do avesso a ideia de trilhas são mera ornamentação sonora de um espetáculo. “Eu penso que o exercício do artista é o de uma atenção máxima à criação, ao detalhe. Sabe aquele detalhe que pode passar como irrelevante? Pra gente, não pode ser. A gente está trabalhando para criar linguagem, uma linguagem que serve ao que a humanidade não dá conta de tocar de outra forma. É esse entendimento que nos impulsiona a ficar horas tecendo um único som”, disse ao Correio da Manhã em dezembro de 2024.

Essa obsessão pelo detalhe e pela construção de sentido através do som é o que diferencia seu trabalho e o coloca numa categoria à parte: “Quincy Jones do teatro

brasileiro”, costumam dizer colegas de cena.

Se é para ser como o renomado músico e produtor estadunidense, que se fale de prêmios. E o reconhecimento veio. Em 2024, Muato conquistou o Prêmio Shell de Teatro pela direção musical, percussão corporal e trilha original de “Pelada – A Hora da Gaymada”, trabalho desenvolvido com o Complexo Negra Palavra, grupo que integra desde 2019. A peça, que cruza a tradicional pelada heterossexual com a “gaymada” (adaptação do jogo de queimado pela população LGBTQIAPN periférica), retrata os bastidores da disputa de dois times pelo Campo do Furão, em Olaria, antes que uma empreiteira o compre.

No mesmo ano, recebeu o Prêmio FITA na categoria música por “O Admirável Sertão de Zé Ramalho”, em parceria com Plínio Profeta, onde atuou no palco interpretando um jovem Zé Ramalho e assinou a direção musical.

Agora, em 2026, Muato amplia sua galeria de prêmios com o segundo Prêmio Shell, desta vez na categoria música, pelas composições e direção musical de “Vinte!”, e o Prêmio APCA na categoria Programa/Memória/Projeto/Difusão, por “Minas de Ouro – Experiência nº 2 – Performance Monumento”, de Carmen Luz, onde assinou a música original e trilha sonora. Ainda em 2026, conquistou prêmio de melhor ator no filme “Realize seu Sonho Agora”, de Diogo Brandão.

A parceria com Carmen Luz, diretora e artista multidisciplinar com foco nas culturas negras,



Muato vem colhendo premiações para seu trabalho na criação de trilhas sonoras para o teatro e na direção musical de vários espetáculos

representa um dos eixos mais frutíferos de sua carreira. Juntos, fundaram a Orquestra de Pretxs Novxs em 2019, que estreou com “Reza”, adaptação do livro “Reza de Mãe” de Allan da Rosa. Naquele trabalho, Muato assinou as composições, arranjos e direção musical, além de atuar em cena. A linguagem desenvolvida naquela

experiência – marcada pela percussão corporal e arranjos vocais com sonoridades não convencionais – tornou-se marca registrada de seus trabalhos posteriores.

Renato Farias, roteirista e diretor que colabora com Muato há anos, destaca a capacidade do compositor de transformar poesia em musicalidade. “O maior desafio e

creio que, também, a grande força desse trabalho, veio da percepção de que as poesias de Solano são profundamente atuais”, afirmou Farias sobre “Negra Palavra – Solano Trindade”, espetáculo que roteirizou usando exclusivamente poemas do poeta negro. “Muato, diretor musical, acrescentou a musicalidade através da percussão cor-

José de Holanda/Divulgação

Dia de láureas na Cannes de NY

TRIBECA
FILM
FESTIVAL

Em curso até domingo, o Festival de Tribeca, criado há 25 anos por Robert De Niro, vai anunciar nesta quinta quem leva seus troféus, com Aly Muritiba, do Brasil, no páreo



Divulgação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

É dia de premiação em NY, no fervor das apostas em prol de “Funk”, do diretor Aly Muritiba, no Festival de Tribeca, que encontra em sua edição celebrativa de 25 anos uma fornada das mais diversas e sólidas de sua trajetória curatorial de descobertas. A gerente de aquisição Amanda Trokan, a diretora do Festival de Marrakech Melita Toscan du Plantier e o ator Benedict Wong formam o júri de longas de ficção estrangeiros, que vai jogar o drama musical filmado por Aly, com Duda Santos no papel de uma MC em luta contra o sexismo. Um de seus mais ferozes rivais é “Zejtune”, um drama escrito, rodado e montado por Alex Camilleri, vindo de Malta. É uma trama sobre luto.

Com a morte da sua mãe, de quem estava afastada, e uma herança inesperada de três parcelas de terra em Malta e nas ilhas vizinhas, a solitária Mar (Michela Farrugia) poderá finalmente ter os meios para cortar de vez os laços com a sua terra natal. Para vender as terras, ela tem de localizar rapidamente os terrenos e reivindicar fisicamente a sua posse, ou corre o risco de enfrentar contestação por parte dos seus familiares. Pre-



Divulgação

Duda Santos e o cantor Kibba em cena de “Funk”, de Aly Muritiba, que pode sair premiado do festival nova-iorquino

cisando de um guia, Mar recruta o trovador local Nenu (Nenu Borg), um octogenário carismático e malandro cujo conhecimento da região é inestimável. À medida que a dupla improvável viaja junta pelo terreno poeirento e sob o sol quente, esvaziando garrafas e cantando canções, Mar sente a sua amargura a dissipar-se gradualmente.

Entre o time que julga as produções americanas traz duas diretoras, Janicza Bravo e Catherine Hardwicke, e o distribuidor Rob Williams. Nessa seara, há já forte torcida formada em torno de “Airport BLVD”, de Alejandro Hendricks. Em seu enredo, Xavier (Jamal Gamble) é um jovem

de modos suaves que vê todo o seu mundo desmoronar-se à sua volta. Antigos cafés e restaurantes fecham, as ruas recebem novos nomes e os amigos mudam-se para cidades próximas e distantes. Inevitavelmente, isso deixa Xavier no centro do processo de assimilação da nova visão de East Austin. Quando velhos amigos reaparecem a par da dinâmica em mudança da sua cidade natal, o amor e o ressentimento chegam a um impasse, com Xavier preso entre escolhas difíceis.

Fala-se sobre prêmios para “Mother Future Self”, da diretora estreadora Tori Lancaster. No seu roteiro, Sofi (Imani Jade Powers) e Jordan (Betsey Brown) não se

vêm há anos, após uma misteriosa desavença. Agora, elas reencontram-se num acampamento experimental de dança na zona rural do Maine, depois de Jordan chegar para participar num workshop de uma semana. O cenário majestoso da floresta logo se torna o campo de batalha onde antigas paixões se reacendem.

Fora as deliberações decisórias, o 11 de Junho do Festival de Tribeca reserva uma programação marcada por debates sociais. Entre os destaques está “Seven O’Clock Breakfast Club for the Brokenhearted”, um romance sul-coreano dirigido por Sun-ae Lim e estrelado por Suzy e Lee Jin-wook. A trama acompanha dois des-

conhecidos que tentam superar antigas desilusões amorosas em um grupo de apoio para corações partidos, criando uma delicada história sobre perdas, reencontros e a busca por novos começos.

Outro título aguardado é “Rain Reign”, dirigido por Erika Burke Rossa e estrelado por Paul Rudd, Jeremy Sisto, Felice Kalketris e Gretchen Mol. O drama acompanha Rose, uma menina neurodivergente de 12 anos que embarca numa busca desesperada por seu cachorro desaparecido após uma tempestade. A jornada acaba colocando à prova os laços de sua família e revelando uma história sensível sobre afeto, resiliência e pertencimento.

O documentário “Chris & Martina: The Final Set” também promete atrair atenções ao reunir as lendas do tênis Chris Evert e Martina Navratilova. A produção revisita a histórica rivalidade das duas campeãs, mostrando como a disputa nas quadras deu lugar a uma amizade profunda, fortalecida nos últimos anos pela luta compartilhada contra o câncer.

Entre os documentários biográficos, chama atenção “The Lion Queen”, que mergulha na trajetória da socialite Jocelyne Wildenstein, figura que marcou a vida social nova-iorquina dos anos 1990. O filme revisita sua ascensão nos círculos da elite internacional, o casamento com a poderosa família de marchands Wildenstein e a fama mundial conquistada por suas inúmeras cirurgias plásticas, que a transformaram em uma das personalidades mais comentadas da imprensa de celebridades.

Na área de ciência e exploração espacial, “Odyssey” resgata algumas das maiores aventuras da Nasa por meio de mais de 2.500 horas de imagens de arquivo raras, acompanhando desde os primeiros passos do programa espacial americano até a dramática missão de resgate da Apollo 13.

A programação ainda inclui o documentário “Jail Time Records”, sobre o primeiro estúdio musical instalado dentro de uma prisão no continente africano e os artistas encarcerados que encontram na música uma forma de expressão e reconstrução pessoal; “How to Feed a Dictator”, que reúne depoimentos de cozinheiros particulares de alguns dos ditadores mais temidos do mundo; e “Trinity: The Story of The LOX”, que celebra a trajetória do influente trio de rap de Yonkers, encerrando a sessão com uma apresentação ao vivo do grupo. Além das exhibições, o festival promove uma conversa especial pelos 25 anos de Tribeca com seus fundadores, Jane Rosenthal e Robert De Niro, revisitando a história do evento criado para ajudar a revitalizar Manhattan após os ataques de 11 de Setembro.

Tribeca segue até 14 de junho.

CRÍTICA CINEMA | DIA D

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Universal Pictures



Margaret (Emily Blunt) e Kellner (Josh O'Connor) na perseguição com um trem que eleva a adrenalina do tenso 'Dia D'

Spielberg mais vibrante... do que "Dia D" ("Disclosure Day") há muito, mas muito mesmo, não se via. Aquele ritmo de "Sessão da Tarde" de sua obra logo após "Tubarão" (1975), mas com uma complexidade política digna de seu (injustiçado) "Munich" (2005), faz cama para uma espécie de autópsia em corpo vivo de sua própria filmografia, liberta pelo belo "Os Fabelmans" (2022) da atmosfera crepuscular que vinha embotando seus passos recentes (e nem sempre felizes) na direção, como o dispensável "Amor, Sublime Amor" que lançou em 2021.

Sua nova (e vívida) expressão autoral, pautada por um roteiro avesso a obviedades, mas aberto a hipóteses metafísicas, mistura o Spielberg a belo canto de "The Sugarland Express" ("A Louca Escapada", no Brasil), coroado com o Prêmio de Melhor Roteiro em Cannes, em 1974, ao Spielberg (também primaveril) de "Contatos Imediatos do Terceiro Grau" (1977), mas com toda a maturidade dramaturgicamente que trouxe de sua oscarizada fase dos anos 1990, sobre a II Guerra, com "A Lista de Schindler" (1993). O cuidado com que embala a ficção científica é notável. Faz parecer uma ode ao gênero, em seu espaço de debate sobre a natureza (humana).

Povoam "Dia D" alguns heróis humanizados... vulneráveis... do tipo que o diretor tanto aprecia, por dar uma alternativa ao heroísmo super-humano de HQs, pouco atraentes para uma cabeça que, de quadrinhos, gosta mesmo é do moleque detetive Tintin, de Hergé. A apresentadora do tempo Margaret Fairchild (Emily Blunt), que apresenta dons de empata (paranormalidade que mexe com o sentimento

Um Spielberg urgente, fervente, no melhor de si

de seus alvos, sensibilizando-os com lembranças más ou boas), pode até demonstrar essa habilidade sobre-humana, mas sangra, sofre e se apavora como qualquer um de nós. Típico de Spielberg... Vale o mesmo para o bamba de tecnologia que vaza dados em nome do bem-estar global, Daniel Kellner (um Josh O'Connor enfim carismático e livre de seus habituais truques de atuação), crânio em números que consegue decifrar códigos raros. Junta-se com destaque à dupla o ativista em prol do livre conhecimento (o tal "disclosure" do título original) acerca do que as teorias da conspiração levantam de hipótese: Hugo Wakefied, signo de temperança intelectual composto por um Colman Domingo nas raias da brandura, com seu falar melífluo. É difícil olhar para ele sem suspeitar de que o argumento do filme, que o próprio Spielberg escreveu, tenha batizado essa figura em homenagem a Hugo Gernsback (1884-1967), o inventor e editor, responsável pelo periódico

de históricas sci-fi "Amazing Stories", de 1926.

Margaret (que extrai uma pulsante atuação de Blunt), Daniel e Hugo se unem na progressão aritmética da revelação de tudo o que o governo dos EUA escondeu, desde 1947, acerca da presença de alienígenas na Terra (tema do coração do realizador de "E.T., O Extraterrestre"), a partir das ações de uma Ong (armada e perigosa) chamada Wardex. A data acima trata de um possível acidente ufológico com uma nave em Roswell, no Novo México.

O festejado disco voador de Roswell teria sido escondido pela Wardex. Hugo era parte dessa organização, mas estava lá para descobrir o que anunciar ao mundo. Quem veste a camisa de tamanho fundamentalista desse grupo é a mais fascinante figura de "Dia D", um sujeito que cumpre com as exigências dramaturgicamente de um vilão, mas é composto com uma variedade de inquietações afetivas capaz de transcender arquétipos: Noah

Scanlon. O personagem tem tudo para expandir o já imenso prestígio de seu intérprete, Colin Firth. Uma frase traduz a sanha de controle dele: a informação sobre aliens entre nós "é um vírus contra o qual a Humanidade não tem nenhuma imunidade". O ganhador do Oscar por "O Discurso do Rei" (2010) se habilita a brigar por novas estatuetas na atuação mais visceral de sua carreira nos últimos 15 anos.

Com Firth (quer dizer, com Scanlon), há outra boa interpretação que salta aos olhos, a de Henry Lloyd-Hughes como Casper Boyd, operativo da Wardex que não poupa pólvora e chumba para silenciar alvos. Esse, sim, é aquele "mau feito pica-pau" das narrativas de almanaque. Sua presença em cena é estratégica. Amplia o tom de risco do enredo.

Amadurecida nas estruturas e rubricas do roteirista David Koepp, que escreveu "Jurassic Park" em 1993, e "O Mundo Perdido", em 1997, a premissa criada por Spielberg em "Dia D" põe a

Wardex em colisão com um time de pessoas comuns, mas conscientes de que um país não se faz com meias verdades, num momento de tensão econômica, com falências anunciadas, com lojas quebrando. Num contexto que espelha as ansiedades da América de Trump, o mais bem-sucedido fabulador de Hollywood entrega uma alegoria reivindicante (mas de certa medida mais conciliatória do que belicosa) do direto ao conhecimento numa dinâmica de fake news. O teatro da ilusão que rege as manobras políticas, a partir das redes sociais, apenas disfarça uma caveira de burro enterrada em seu pavimento. É esse "esqueleto guardado no porão", ou seja, a microfísica da manipulação que um Spielberg em estado de graça tenta expor. Um Spielberg em plena sintonia com os mandamentos da era dos extremos (a década de 1970) que revelou seu nome como artista, na dita Easy Rider Generation, quando o cinema dos Estados Unidos foi expor as tripas de sua pátria em tela, por vias revolucionárias, com Coppola, Scorsese, Woddy Allen, Elaine May, Melvin Van Peebles, Bob Rafelson, Brian De Palma em ascensão.

Para fazer isso, como seus contemporâneos da chamada Nova Hollywood fizeram, o artesão que Spielberg é coloca em prol das narrativas cinematográficas toda a sua destreza. Assegura às massas uma das melhores sequências de adrenalina do ano (uma perseguição num trem), a fim de ficar livre para inventar sinestesias com seus dois habituais parceiros, o compositor John Williams (numa de suas melhores trilhas sonoras) e o fotógrafo Janusz Kaminski. Mais jovem voz artística de sua trupe, a editora Sarah Broshar, é quem alinhava tudo, numa montagem... há... digamos... spielberguiana.

AFFONSO NUNES

Depois de dezesseis anos no Reino Unido, o músico e produtor Muca retorna às raízes brasileiras com “Beleza”, álbum em parceria com Roberto Menescal. Nesta quinta-feira (11), eles mostram as canções deste trabalho em apresentação no Beco das Garrafas, em Copacabana, com participação especial de Mirella Costa. O álbum chega às plataformas digitais nesta sexta, 12.

A parceria reúne mais de seis décadas de nossa tradição musical. Menescal, um dos pais da bossa nova nos anos 1950 e 60, encontra em Muca um produtor que dialoga com essa tradição sem repeti-la. “Quando Muca me ligou, fiquei muito animado. Projetos assim permitem aprender algo novo”, comenta o veterano músico.

Gravado entre Londres, Rio e São Paulo, o álbum mescla influências de lofi, folk e bossa nova. Muca trabalhou com o baterista Bruno Buarque, o finger drummer Panchito Trackman e letristas como César Lacerda e L.A. Salami. “Este é o projeto musical mais ousado que fiz. Quis abraçar novas técnicas de produção, mas não queria fazer um álbum que pudesse ter sido feito há 50 anos”, afirma Muca.

A estrutura do trabalho é, portanto, arrojada. Doze cantoras diferentes dividem as composições, seis em português e seis em inglês. Entre elas estão Liana Flores (conhecida pelo hit “Rises To The Moon”), a franco-senegalesa Anaiis, Fabiana Cozza, Josyara, Sofia Grant, Mirella Costa, Ilessi, Alice SK, Heidi Vogel, Joia Luz e



Rafael Boccanera/Divulgação

Muca e Roberto Menescal: o jovem músico buscou referência bossanovistas mas não quis um álbum que pudesse ser lançado há 50 anos

Brasilidades renovadas

Músico radicado no Reino Unido, Muca reconecta-se às raízes brasileiras em álbum produzido com Roberto Menescal

Amanda Maria.

A escolha dessas vozes representa que “a harmonia — tanto musical quanto social — só é possível através da coexistência de diferentes tons”, segundo Muca. O

primeiro single, “Playing On The Loose Fields”, com Anaiis, soa etéreo, espaçoso. “Versos Singelos”, com Mirella Costa, tem como referência clássicos da canção popular brasileira como “Vivo Sonhan-

do” e “Meditação”.

“Ladeira”, com Josyara, conecta ancestralidade à vida contemporânea através da mitologia da orixá Obá. “Todo Samba”, com Fabiana Cozza, celebra o gênero como

“cura e celebração comunitária”. “Midnight Lullaby”, com Liana Flores, une bossa, indie e folk.

Menescal, aos 87 anos, continua gravando e aprendendo. “Eu tenho saudades do novo, e acredito que conseguimos exatamente isso com este álbum”, diz. Muca conheceu Menescal pessoalmente no fim de 2019, após vê-lo tocar em Londres. Colaboraram depois nos singles “Until We Meet Again” e “Like This Before”, com apoio de Jamie Cullum e BBC Radio.

SERVIÇO

MUCA - BELEZA

Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37, Copacabana) 11/6, às 21h
Ingressos: R\$ 70

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

Violões em sintonia

Igor Lazier e Rafael Mallmith apresentam o álbum “7 Sentidos” em show na Casa do Choro nesta quinta-feira (11), às 19h. Já disponível em plataformas digitais, reúne composições autorais e clássicos do gênero, com destaque para “Daniele”, primeira gravação oficial de uma composição de Dino 7 Cordas. O evento começa às 19h, com participação de Lawanda Garcia no violão. O disco reúne composições autorais e clássicos do gênero, com destaque para “Daniele”, primeira gravação oficial de uma composição de Dino 7 Cordas.



Divulgação

Autoralidade sergipana

A cantora e compositora sergipana Tori apresenta seu segundo álbum, “Areia e Voz”, nesta quinta (11), às 19h, no Espaço BNDES. Lançado em outubro de 2025 pela Gravadora Guano, o trabalho mistura influências de MPB, psicodelia e rock. No repertório do show, a artista seu trabalho com releituras para canções de autores como Gilberto Gil e Alceu Valença. Em um fio que liga as canções, estão as harmonias etéreas, com acordes tensionados, as melodias entoadas em detalhe pelo registro agudo de Tori.



Divulgação

Uma voz forjada no R&B

A cantora Tali se apresenta no Blue Note Rio nesta quinta-feira (11), às 22h30, com show que mistura composições autorais e referências musicais que definiram sua trajetória. Filha de Deise Cipriano, vocalista do Fat Family, Tali interpreta obras de Jill Scott e Alicia Keys, além de clássicos do próprio Fat Family, um fenômeno da black music brasileira nos anos 1990. Com performance dançante, a artista demonstra domínio técnico em jazz e R&B, incorporando elementos e sonoridades da MPB.

ENTREVISTA | **GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO**

ESCRITOR, IMORTAL DA ABL E PROFESSOR DA FACULDADE DE LETRAS DA UFRJ



Rodrigo Fonseca

‘Que a literatura sirva para tornar um país menos cego’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Empenhado na criação de seu 21. livro, em meio a seus compromissos como imortal na Academia Brasileira de Letras (ABL), o catarinense Godofredo de Oliveira Neto embarca numa máquina do tempo digna daquelas de H. G. Wells sempre que folheia as páginas de “O Bruxo do Contestado”. Trinta anos atrás, o romance que relê sob olhos críticos - e decoloniais - uma das batalhas mais violentas do Brasil, na primeira metade do século XX, fez dele um estandarte de uma nova épica na prosa nacional da década de 1990. Ali se pavimentou o trajeto que levou o professor da Faculdade de Letras da UFRJ a ocupar a cadeira de n. 35 da mais ilustre instituição ligada à prosa e à poesia, na América do Sul. Finalizando um curso sobre cinema e expressão literária no campus do Fundão, o educador, autor de pérolas como “Pedra de Santo” (de 1997) e “O Desenho Extraviado de Hieronymus Bosch” (de 2023) tem planos para celebrar um de seus mais importantes estudos sobre a barbárie deste país.

Uma nova leva de leituras se desenha sobre sua escrita, ao passo que na ABL, ele dirige o arquivo com o acervo dos acadêmicos (desde Machado de Assis) e contribui na confecção da programação das conferências da casa.

Revisar seu “Bruxo” é abrir feridas acerca da disputa territorial entre SC e o Paraná, de 1912 a 1916, que gerou um vácuo de poder. A situação social piorou com a construção da estrada de ferro Brazil Railway e a exploração de madeira por empresas estrangeiras, o que expulsou milhares de posseiros de suas terras.

A conversa a seguir é uma forma de Godofredo, que vem de Blumenau, pintar os signos da História com novas cores.

Que literatura o senhor buscou fazer em “O Bruxo do Contestado” e o quanto dessa busca libertou a sua prosa para o regionalismo (e do regionalismo)?

Godofredo de Oliveira Neto - Escrevo sobre tempos e espaços que conheci bem. O livro tem três tempos: o Contestado, narrado por personagem que viveu aquela guerra; a vida no Sul do Brasil durante a

“A literatura tira o embaçamento dos olhos do ser humano sobre o real, ela conserta os defeitos de fabricação da condição humana. A autocentralidade leva um tranco. Esse é o desafio de escrever e os prazeres de lecionar literatura”

Segunda Guerra Mundial na Europa, relatada pela protagonista Tecla, que viveu essa época na região; e os tempos sombrios do pós-64, quando o livro é escrito, quer dizer, o tempo da enunciação da narrativa. Três momentos muito importantes para o país. É um livro de extração histórica, mais do que um livro histórico. Escrevi “O Bruxo” visando contribuir para a interpretação do Brasil, inclusive o de hoje! Que a literatura sirva para tornar um país menos cego. Mas não descuido, jamais, da autonomia da literatura.

“O Bruxo” é narrativa literária.

O que o Contestado, o evento, simboliza para o seu estado (Santa Catarina) e para um país que pratica como lazer o esquecimento?

Vejo a Guerra do Contestado (1912-1916) como um dos acontecimentos marcantes não só no Brasil, mas na geopolítica mundial. O movimento se deu em plena Primeira Guerra Mundial, poucos anos após a traumática Guerra de Canu-

dos (aliás, são semelhantes as duas). Foram empregados pela primeira vez no continente americano aviões militares (competindo com a Revolução Mexicana); fuzis Comblain e munições foram testados pelo Exército brasileiro na região para uso na Europa em conflito; metade do Exército brasileiro foi destacada para a região; representantes do Partido dos Trabalhadores Russos, exilados na Suíça, do governo dos Estados Unidos e do Partido Trabalhista Inglês foram observar o conflito. Dá para sentir a importância do acontecimento, né? No meu livro, destaco sempre, fato pouco visto pelos exegetas do texto, a personagem Antônia Casamança, a trabalhadora negra que consegue entender a filha muda do violento personagem Gerd, nos anos 1940, no Sul do Brasil. Antônia Casamança desenlaça o enredo e explica o livro.

Qual foi a maior resposta, de público e crítica, que o livro teve à época de seu lançamento?

A repercussão foi imensa. Fui convidado, imagine, a ler e analisar o livro na Academia Militar das Agulhas Negras. A revista “Veja” publicou imediatamente um artigo particularmente elogioso, que até me deixou constrangido pela primeira frase da matéria. O livro foi de leitura obrigatória em vestibulares no Brasil. A imprensa de todo o país deu matéria. Em 1996 e 1997, estive presente em 18 eventos em todo o país para falar de “O Bruxo do Contestado”. Lembro-me de que fiquei exausto, doente até. O que sinto, em contrapartida, é que a editora, na época, não inscreveu o livro em premiações nacionais, apesar de dar cobertura e divulgação. Uma pena.

Que planos o senhor tem para novas edições, relançamentos ou eventos do livro?

Tenho planos em vista, mas não posso falar ainda.

O senhor se firmou como professor em paralelo à carreira desse e de outros livros. Quais são os desafios e os prazeres de lecionar literatura hoje?

A literatura tira o embaçamento dos olhos do ser humano sobre o real, ela conserta os defeitos de fabricação da condição humana. A autocentralidade leva um tranco. Esse é o desafio de escrever e os prazeres de lecionar literatura.

Qual foi o primeiro livro que leu na vida e lhe marcou?

Os versos de Cruz e Sousa, lidos pelo meu pai em voz empostada, e os contos de Machado de Assis, induzidos pela professora de Português do Colégio Santo Antônio.

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

O povo está tomando o futebol de volta pra si

Imagem criada com a IA Nano Banana



H Mais uma Copa do Mundo bate às portas das nossas vidas, e tem uma coisa no ar que eu não sei nomear. Uma espécie de aura. Dessas que a gente sente na pele antes de entender com a cabeça. E não vou tentar explicar. Tem coisa que morre no instante em que a gente exige que ela se explique. É como tentar dizer por que a voz da sua mãe acalma. Não se diz. Se sente.

Ninguém sabe se o Brasil vai ganhar. E o ponto é esse: não importa. Não é o placar que está em jogo. São as pessoas, voltando a ocupar a rua com aquela cara que andava guardada na gaveta. Desde 2014 eu não via a cidade respirar assim. O Rio tá mais bonito. Escrevo daqui, mas isso não é privilégio de carioca. O Rio só tem a mania de gritar o que os outros sussurram.

O mundo mudou. A tela pequena tomou conta da vida e a gente foi se mudando pra dentro, cada um sozinho no meio de uma multidão de notificações. Mas tem uma coisa que nunca saiu do carioca. Ficou quietinha num canto

do peito, esperando. E o que estava esperando, chegou.

O povo está fazendo um gesto que talvez nem perceba: está tomando o futebol de volta pra si, como quem recupera um objeto roubado. O futebol chegou ao Brasil como brinquedo de elite, coisa de terno e clube fechado. O povo olhou e viu que aquilo era a sua cara. O terno virou chinelo, o gramado virou várzea, laje, rua de terra. Mário Filho escreveu um livro inteiro sobre isso. Não foi à toa que botaram o nome dele no Maracanã.

E há anos um processo horrendo tenta desfazer tudo: o ingresso que ninguém paga, a camisa que

custa uma semana de salário, o futebol embrulhado em celofane, vendido como artigo de luxo. É contra isso, sem manifesto, que a cidade reage: com bandeirinha de papel crepom de poste a poste, com o verde e amarelo subindo pela fachada, com a criança correndo na tinta fresca do asfalto. É bonito demais.

Preciso confessar: eu não assisto de longe. Eu vivi. Minha primeira Copa foi a de 82. Eu tinha oito anos e vi, dentro do estádio, o Brasil entrar em campo. Aquele time encantou o mundo e foi embora cedo, do jeito mais cruel. E é dele que eu mais lembro. Não do que ergueu taça, mas do que me partiu o coração e me ensinou que beleza e dor às vezes vestem a mesma camisa amarela.

Você que beira os cinquenta: quando lê isso, não desaba um carrossel de lembranças? Seu pai gritando gol e te erguendo no ar. O rádio de pilha do seu avô. A vó

enxugando o canto do olho fingindo que não torcia. Tá tudo aí dentro, intacto. Eu sei que está. Porque está dentro de mim também.

E você, menino, moça de quinze anos: não dá uma vontade danada de descer pra rua, pintar o asfalto, gritar até a voz sumir, criar sua própria lembrança pra contar daqui a quarenta anos? Essa vontade já é o sentimento batendo na porta. Pode abrir. É herança, e a herança é sua. Sempre foi.

Pra fechar o ciclo, encomendei uma réplica da camisa de 82. O mesmo amarelo, o mesmo escudo com a Jules Rimet no peito. Vou assistir à Copa de 2026 costurando duas pontas que pareciam perdidas: o menino que eu fui e o homem que ficou. Não vai ser igual. Mas não é a intensidade que eu procuro. É a essência. E ela continua onde sempre esteve: à minha espera, do tamanho de um menino gordinho de oito anos vestido de amarelo.